



Da Congregação

Carta do Superior geral para 14 de março

Prot. N. P0030/2011

Roma, 25 de fevereiro de 2011

Caríssimos confrades,

Celebrar o nascimento de um homem estimado é reconhecer que a sua existência é para nós dom de Deus. O dia do nascimento do P. Dehon, 14 de Março, merece ser celebrado em atitude de ação de graças e de oração pelas novas vocações, religiosas e laicais, que possam levar por diante o carisma que ele nos legou. A data é também ocasião para melhor conhecer a rica personalidade e a profunda experiência de fé do nosso Fundador.

Este ano convidamos toda a Família Dehoniana a revisitar um aspecto fundamental do carisma dehoniano com a ajuda de uma entrevista preparada, a nosso pedido, pelo P. Stefan Tertünte (GE), a quem agradecemos cordialmente. Sobre o tema, queremos recordar o que o P. Dehon escreveu em 1910: “Fui guiado pela Providência a abrir diversos sulcos; mas dois, sobretudo, deixarão marca profunda: a ação social cristã e a vida de amor, de reparação e de imolação ao Sagrado Coração de Jesus. Os meus livros, traduzidos em várias línguas, fazem chegar a todo o lado esta dupla corrente que brotou do Coração de Jesus. Deo gratias!” (NQT XXV/1910,33).

Deo gratias dizemos também nós, hoje, pelo nascimento do P. Dehon, pela sua vocação e missão. Agradecemos ao Senhor a graça de sermos discípulos de um mestre e pastor "que teve sempre uma particular atenção para com os homens do seu tempo, sobretudo os mais pobres: aqueles a quem faltam recursos, razões de viver e esperança" (Cst 52).

Damos graças também pela Igreja que continua a propor, com novas formas, a missão, como fez há 40 anos no Sínodo dos Bispos de 1971: "A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho" (Justiça no Mundo, 6).

Reverendo Padre Dehon, celebraremos brevemente o 168º aniversário do seu nascimento. Talvez seja ocasião para examinar, com certa distância, alguns temas que, como fundador, tinha particularmente a peito no seu tempo.

Caro confrade, a minha idade já não me permite entrevistas muito longas. Se puder limitar-se a alguns temas centrais...

Comecemos por uma pergunta muito simples: que ano foi para si, como fundador de uma congregação, o mais difícil?

Sabe, como fundador de uma congregação religiosa era permanentemente confrontado com problemas: a salvaguarda da independência da Congregação em relação à diocese era uma luta contínua; os problemas financeiros acompanharam-me até ao fim da minha vida; o reconhecimento por Roma foi extremamente difícil; as qualidades dos novos confrades, muitas vezes, deixavam a desejar. São problemas que fazem parte da vida de uma jovem Congregação. Creio que os enfrentámos e resolvemos todos bem. Porém, os confrontos sobre a orientação e o perfil a dar à Congregação foram causa de desilusão e tiveram as suas consequências. Neste sentido para mim, como fundador, o ano de 1897 foi o mais difícil.

Mas o ano de 1897 foi também um ano grande para si! As conferências em Roma sobre a perspectiva cristã da sociedade, que tiveram eco até em França; o seu empenho em favor da Democracia Cristã e da aceitação da república pelos católicos franceses, em congressos, artigos e muitos encontros com grandes figuras do catolicismo francês; a sua eleição para o conselho nacional da Democracia Cristã no congresso de Leão; a publicação dos seus livros Nos Congrès e Les Directions pontificales...

Sim, sim, tudo isso é verdade. Mas fez-me uma pergunta sobre um ano difícil como fundador de uma congregação. É claro que se pode dizer que 1897 foi para mim um ano muito rico de sucessos. Senti-me efetivamente bem. Como fundador, era meu desejo que a Congregação participasse e se empenhasse mais intensamente nos desafios actuais referentes ao mundo social e à sociedade no seu conjunto. A pastoral dos operários à volta do Padre Charcosset em Val-des-Bois fazia parte das nossas primeiras atividades. O Padre Rasset ocupou-se durante muitos anos dos jovens operários, em S. Quintino. Em 1891 dirigi-me inclusivamente por carta ao papa Leão XIII e informei-o sobre o projeto que a nossa Congregação alimentava de formar, antes de mais nada, confrades destinados ao apostolado específico nas grandes fábricas e nos bairros operários, e que deveriam prosseguir a sua formação tanto na universidade como na fábrica de Val-des-Bois.

Ainda em 1895, numa conversa com o Papa, falei-lhe de nós como uma Congregação que tinha como prioridades a evangelização do mundo social, a pastoral entre os operários e a Missão. Mas, não muito depois de 1897, tive de verificar que a maioria dos confrades não partilhava esta perspectiva e talvez nem a pudesse partilhar.

Mas já antes do começo dos anos 90, por exemplo, havia resistências contra si como superior geral.

É verdade. No capítulo geral de 1893 alguns confrades tentaram evitar a minha reeleição como superior geral. Nessa altura, acusavam-me de um governo defeituoso da Congregação. A tentativa não resultou por pouco, mas as tensões no interior da Congregação permaneceram. Em 1897 houve nova tentativa de cisão, que também falhou. Mas, desta vez, ficou claro que já não se tratava das minhas qualidades de governo. Estava em jogo, sim, o perfil da nossa Congregação e, pode dizer-se, do nosso próprio carisma.

Está a pensar na carta do Padre Blancal e de outros cinco confrades?

Exactamente. Na realidade, era mais um manifesto que uma carta. No fundo era um escrito muito honesto no qual se evidenciavam os problemas. Para os autores estava em jogo a pergunta sobre a *verdadeira vocação* da nossa Congregação. Tinham entrado numa congregação que, a seu ver, era sobretudo consagrada à santificação pessoal por meio da devoção ao Sagrado Coração no sentido da reparação pelas numerosas ingratidões, sobretudo dos sacerdotes e religiosos, para com o Amor divino. No que se refere ao apostolado, privilegiava-se a adoração eucarística perpétua, as missões nas paróquias e os exercícios espirituais. Tudo o resto era, conforme as suas palavras, algo de secundário que se podia dispensar. Eles julgaram que esta vocação fora atraída por mim, devido ao rápido crescimento da Congregação, à expansão em países distantes, ao empenho nas questões sociais mais actuais. Por isso, logicamente exigiam uma separação.

Mas, apesar de tudo, também esta tentativa de cisão falhou. Bem depressa alguns dos signatários pediram desculpa. No fim, venceu Leão Dehon, não é verdade?

O importante não era vencer ou ser vencido, mas definir o modo específico como a nossa Congregação devia servir a Igreja e o mundo. Nos primeiros anos, depois da fundação, teria provavelmente dado a minha aprovação incondicionada à descrição da nossa vocação feita pelo Padre Blancal e pelos outros confrades. Mas creio que, nesse tempo, ainda não tínhamos compreendido aquilo que Deus queria com e por meio desta Congregação.

E, depois da carta do Padre Blancal, ficou mais claro o que o Senhor Padre considerava ser o carisma da Congregação?

Com essa carta, dei-me conta que este e muitos outros confrades não tinham compreendido muito bem o meu caminho e não queriam segui-lo como caminho da Congregação. Havia motivações profundamente enraizadas na espiritualidade, na experiência de fé de cada um. Hoje, tudo isto é bem mais claro para mim do que então! A meu ver, o empenho na política, o empenho em favor de uma sociedade mais justa, a vontade de promover sacerdotes dedicados ao mundo do trabalho não eram coisas acessórias, que se podiam fazer ou deixar de fazer, sem tocar o núcleo da nossa vocação.

Mas talvez muitos confrades pensassem que este empenhamento social e político era, por assim dizer, a sua paixão pessoal, mas não algo específico para a Congregação?

A carta do Padre Blancal mostra que os confrades tinham compreendido muito bem que este compromisso haveria de caracterizar igualmente a nossa Congregação. Depois de 1897, calei-me sobre isso. Só em 1912, cerca de trinta e cinco anos depois da fundação da Congregação,

escrevi uma carta a todos os confrades, que é, por assim dizer, o meu testamento espiritual, onde, mais uma vez, evidenciava que tinha a peito dois apostolados: levar os homens ao Amor do Coração de Jesus e promover uma sociedade mais justa sobretudo em favor dos operários e dos pequenos. Só mais tarde pude compreender quanto estes dois ideais faziam parte de mim e quanto eram inseparáveis, ainda que os tenha vivido já nos anos 90, que foram muito activos para mim. Muitos confrades, todavia, descuraram uma pequena palavra nestas frases.

Que palavra seria essa?

A palavra “E”. Muitos confrades são piedosos e activos na pastoral paroquial. Alguns no decurso da nossa história lançaram-se com muita generosidade ao serviço dos mais pequenos e dos que sofrem. Mas muito poucos se dedicaram de modo competente ao aprofundamento da doutrina social, aos caminhos e à análise da nossa sociedade. Com frequência os confrades se decidem por um ou por outro apostolado. Para mim, os dois são inseparáveis.

Muitos homens, também confrades, perguntarão, ainda hoje, que tem a ver o empenho social com a piedade.

A minha convicção e a minha experiência diziam-me sempre o mesmo: o Amor de Cristo quer mudar todo o mundo, tanto o pequeno mundo do privado como as realidades sociais mais amplas. Seria certamente mais simples limitar-se à pastoral nas paróquias e nas missões populares. Teria sido certamente mais fácil dizer: a sociedade avança por um caminho errado; não podemos alinhar com ela. Mas, se assim pensássemos, estaríamos a ser fiéis às expectativas e à dinâmica de Cristo? Creio que não.

Durante muito tempo, o Senhor Padre apontava para uma sociedade guiada por um monarca cristão como fora pedido nas visões de Margarida Maria Alacoque.

Eu mesmo, durante muito tempo, sonhei coisas que, enfim, tinham ficado para trás. Pensei com saudade nos bons velhos tempos, quando o cristianismo condicionava cada fibra da vida social. Sim, esse pensamento conserva, ainda então, algo de fascinante para mim. E, durante muito tempo, estive ao lado dos católicos que se empenhavam no regresso à sociedade de outrora. Nesse tempo, eram chamados contra-revolucionários. Mas Cristo viveu o presente, amou-o, mudou-o e melhorou-o. No ano de 1900, perguntei aos sacerdotes num congresso em Bourges: amámos suficientemente a nossa sociedade de hoje, ou afastámo-nos dela, amuados? A pergunta continua em aberto.

Parece que, ao longo da sua vida, teve uma notável evolução.

É isso mesmo. Como estudante e jovem sacerdote, fui um ardente defensor da monarquia. Mas o preço dessa atitude teria sido alto; com o tempo, isso tornou-se claro para mim. Porque o mais importante não é que um país seja governado por um monarca, por um presidente ou por um parlamento. O mais importante é saber se a justiça e a solidariedade asseguram a todos uma vida digna. O povo, na França, queria a república; a minha missão era lutar por

uma república que tivesse, o mais possível, cunho cristão, e onde a Igreja fosse reconhecida como aliada dos fracos, sobretudo dos operários, e das suas esperanças de justiça.

Se compreendi bem, caro P. Dehon, teve de pagar um alto preço por esse empenho: amigos que o abandonaram, confrades que não o compreenderam...

Quando era jovem estudante e jovem sacerdote, nunca imaginei que um dia viria a ser criticado e afastado por um bispo que me acusou de “*republicano obstinado*”. Sim, os *abbés démocrates* como Lemire, Naudet, Six, eu mesmo e outros não éramos bem vistos em muitos setores do mundo católico da França. Até mesmo com homens como La Tour du Pin, de quem eu era amigo, os contactos se tornaram cada vez mais escassos, porque ele permanecia monárquico e não queria sujar as mãos na nova sociedade. Quando leio hoje o que escrevi nos anos 90, em artigos, discursos, cartas e livros, fico surpreendido eu mesmo com a minha evolução e com a clareza das minhas tomadas de posição. Mas, repito: Cristo nunca se refugiou num gueto social ou assumiu uma atitude amuada perante a sociedade. Se assim tivesse feito, poderia ter renunciado imediatamente à Encarnação. Pelo contrário, pôs-se ao lado dos homens simples, dos desprezados e dos marginalizados. Foi o que eu procurei fazer.

Mas com o seu “SIM” comprometido à república francesa, com a sua atenção em favor da Democracia Cristã, no fundo, não atraiçooou o espírito de Paray-le-Monial e de Margarida Maria Alcoque?

A mensagem de Paray-le-Monial foi, desde o princípio, uma mensagem muito política. Na sua carta ao rei de França, Margarida Maria Alcoque fala muito claramente de uma devoção ao Sagrado Coração que seja relevante e efetiva para a sociedade. Não há qualquer vestígio que a reduza à esfera privada. Mas Margarida Maria ainda não se tinha confrontado com uma sociedade em que o acesso ao poder e o seu exercício funcionassem totalmente separados da Igreja e os monarcas já não tivessem qualquer função. Tornou-se muito claro para mim que só ao lado do povo, numa república por ele desejada, seria possível permanecer fiel à relevância social da devoção ao Coração de Jesus, como fora pedido por Margarida Maria Alcoque. Não, não atraiçoei Margarida Maria. Talvez tenha dado um passo em frente. Mas, havia outra possibilidade, num mundo que, desde Margarida Maria, dera tantos passos em frente?

Caríssimos irmãos e irmãs na Família Dehoniana, o mundo continua em mudança. Demos, também nós, novos passos. Com o P. Dehon, ponhamo-nos ao serviço de uma sociedade segundo o Coração de Cristo. Rezemos por esta intenção e peçamos a oração de outros a fim de crescermos na fidelidade ao carisma dehoniano e para que o Senhor da messe suscite novas vocações nas nossas famílias e nas nossas comunidades cristãs.

Em comunhão com Cristo,
P. José Ornelas Carvalho
Superior geral e Conselho

Estatística SCJ**31.12.2010**

Provincia	V	P	D	SVP	FVP	SVT	FVT	Tot	Nov
ACR	0	13	0	0	0	1	0	14	0
AM	2	15	0	0	1	1	0	19	0
AR	2	32	0	0	1	2	0	37	0
BC	5	150	1	0	5	51	0	212	9
BH	0	21	0	0	4	0	0	25	0
BM	4	96	4	0	4	17	1	126	5
BS	0	39	0	1	2	5	0	47	0
CAN	0	18	0	0	2	0	1	21	0
CH	0	14	1	0	4	2	1	22	0
CM	0	44	0	1	5	47	2	99	3
CO	0	46	0	8	5	32	3	94	21
CU	0	9	0	0	0	0	0	9	0
EF	0	59	3	0	13	0	0	75	0
FL-NE	0	103	0	1	17	0	0	121	0
GE	1	49	0	0	3	1	0	54	0
HI	0	79	2	2	23	2	0	108	0
IM	0	53	1	0	2	4	0	60	0
IN	2	113	2	3	17	37	4	178	4
IND	0	23	5	7	3	22	0	60	0
IS	0	151	1	0	17	2	0	171	0
LU	2	78	2	0	6	17	0	105	0
MAD	2	27	2	0	3	31	1	66	0
MZ	2	34	0	1	1	11	0	49	0
PHI	1	22	3	0	1	23	0	50	5
PO	2	225	2	10	7	11	0	257	3
US	1	73	3	0	14	2	1	94	0
VEN	0	21	1	0	2	7	0	31	0
31 Dec 10	26	1607	33	34	162	328	14	2204	50

31 Aqs 10	26	1606	33	25	161	348	16	2215	68
31 Dec 09	25	1595	33	36	159	336	17	2201	79

Da Província

PALAVRA DO PROVINCIAL PARA O MÊS DE MARÇO

Março começou com o Encontro de Formação para os Superiores Locais. O objetivo deste encontro foi *oferecer aos superiores recusos humanos e espirituais para desenvolver a vida fraterna em comunidade, mediante o exercício da autoridade, como serviço a Deus e aos irmãos*. Cabe-lhes a animação da vida em comunidade e o primeiro serviço da caridade é preparar-se bem para esta missão.

Dizem os especialistas' tupiniquins' que no Brasil o ano só inicia depois do carnaval. Verdade o não, começamos prá valer nossas atividades com o início do ciclo e da quaresma e o tempo pascal. É tempo de retomar com mais solidez as nossas práticas devocionais e comunitárias: adoração das 1^{as} quintas e o dia devocional da 1^a sexta-feira do mês, com um tempo reservado para o retiro comunitário. Os religiosos e padres do Sagrado Coração de Jesus têm, neste dia, a oportunidade mensal de aprofundar e renovar a caminhada vocacional e apostólica, na oração, reflexão e partilha da espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus, o mais valioso tesouro deixado por Padre Dehon, nosso querido fundador. Sempre é bom retomar o projeto comunitário de vida e fazê valer.

Além da primeira sexta-feira do mês, a ordenação sacerdotal do diácono Miguel da Silva, dia 05 de março, em Dois Vizinhos, PR e do início da quaresma, temos um motivo particular de nos encontrar e celebrar, o 168^o aniversário do nascimento (1843) do Servo de Deus João Dehon, fundador e 1^o Sup. geral da Congregação. Para esta oportunidade, o Sup. geral Pe. Ornelas enviou uma mensagem para ler e refletir em particular e comunitariamente.

É nossa proposta que esta carta sirva de **tema de estudo e partilha para a reunião mensal** da Comunidade Local e/ou Territorial. Colocamos duas questões para orientar nossa partilha:

1. Para Pe. Dehon o carisma específico da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus é o **amor** e a **reparação**. Um amor que impulsiona a dar a própria vida em resgate de muitos. Amor a Deus e solidariedade para com os irmãos. **Está suficientemente claro prá nós esta dualidade inseparável de nosso carisma?**

2. Como nós estamos colocando em **prática, na vida e na ação apostólica**, estes duplo aspecto (**espiritual e social**) do nosso carisma, como queria padre Dehon?

Termino desejando um bom início de quaresma, caminho de conversão e vida, capacitando-nos mais e melhor para a salvaguarda da criação, mantendo bonito o jardim da vida. Só assim será ressurreição e vida nova em Cristo, para o bem de todos os seres chamados à vida.

Pe. Léo Heck, scj

Primeira profissão

Dia 02.02.2011 fizeram os primeiros votos na BM os seguintes noviços:

1. Aldo Cícero Lisboa. Natural de Joinville, 09.14.1984. Frequentou o seminário diocesano de Azambuja, Brusque e entrou no propedêutico, em Corupá, em 2005. Vai para Vidal Ramos.
2. Silvano Borba, nascido em Joinville a 10.03.1977. Entrou no Propedêutico em Corupá em 2005. Vai para o Uruguai.
3. Helton Iomes, natural do Balneário Camboriú, 15.08.1982; Entrou no Propedêutico, em Corupá, em 2005. Vai para Rio do Sul.

4. Diego Martins, natural de Blumenau, 21.05.1988. Entrou no Seminário de Rio Negrinho em 2003. Vai para o seminário de Corupá.

5. Cláudio José Hoffmann, nascido em Campinas das Missões, RS, a 08.10.1987. Entrou no seminário de Crissiumal em 2003. Vai para o Paraguai.

Profissão perpétua e Diaconato

No dia 12 de fevereiro fizeram sua profissão perpétua em Brusque: Carlos Roberto de Oliveira, Elinton Costa e André Borges da Silva. No dia seguinte, em Botuverá, os mesmos foram ordenados diáconos por D. Murilo Krieger.

Encontro dos superiores locais e/ou territoriais.

O encontro dos superiores aconteceu nos dias 28/02, 01 e 02/3, no Noviciado N. Sra. de Fátima, Jaraguá do Sul. Estiveram presentes 12 superiores juntamente com o provincial e o seu conselho. A reunião teve a assessoria do Pe. Roberto Duarte Rosalino, diretor das Faculdades Claretianas de São Paulo. O foco das atenções foi a missão e a figura do superior e o serviço da autoridade. O superior é antes de tudo um servidor da comunidade, que anima e estimula a todos para viver a vida fraterna em comunidade.

O encontro também serviu para partilhar experiências de vida, conviver com os irmãos e animar-nos mutuamente no cumprimento de nosso dever.

Nomeações

Foram nomeados os seguintes superiores locais, com mandato a iniciar dia 14/03/2011:

Curitiba I: P. Odilo Leviski (2º triênio)

Corupá: P. Adalto Chitolina

CT Sul SC: P. Geraldo Kohler

Jaraguá do Sul I: P. Donizeti Queiroz

CT Rio do Sul: P. Vilmar Feuser

Joinville: P. Luiz Antonio Nunes de Oliveira

Noviços

Dia 1º de fevereiro foram admitidos ao noviciado: Willian Dalsegio, Anderson Krause, Darlan Dejaine Marasca, Tafarel Junio Ribeiro e Thomas Antônio Bohn Mittelstaed.

Postulantes

Foram admitidos ao Postulante os seguintes candidatos: Dair José Kunz, Rodrigo Fernando Tascheck, Castelar Fabiano da Luz, Maurício Schifler, Daniel de Leão, Luiz Carlos Vantropa, Itaianan Bozza Vieira, Jonas Rafael Ludwig, Marcelo Chapieski e Ildoir Josemar Schwan.

Ordenações

Dia 5 de março o diácono Miguel da Silva será ordenado Presbítero, em Dois Vizinhos, PR. Dia 30 de abril o diácono Jaime Ludwig será ordenado Presbítero.

Mudança de província

No dia 31 de janeiro de 2011 o Superior geral assinou o decreto pelo qual os padres Mário Maestri e Dário Paloschi e o frater Rodinei Eiselt passaram a pertencer à província BC.

Missionários

P. Simão Pedro C. dos Santos e Fr. Claucio Hoffmann já estão em sua missão no Paraguai, desde o dia 21 de fevereiro. Fr. Claucio está destinado a Alberdi mas permanecerá em Assunção por três meses para aprender espanhol. Em Limpio, periferia de Assunção, a paróquia, atendida por dois padres, inclui quatro *vicárias*, ou seja, capelas mais organizadas e outras comunidades que nossos padres atendem. Na viagem ao Paraguai, levando os novos missionários, não fomos a Alberdi por que os padres estavam na assembléia diocesana. Na volta, trazendo irmã, visitamos D. Antônio Wagner, onde pernoitamos.

Carta de P. Tarcísio Feldhaus

Dia 25 de fevereiro de 2011.

Caros confrades Dehonianos

Há 25 anos professei os votos religiosos de Castidade, Pobreza e Obediência na nossa Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, mais precisamente na Província BM. Depois de uma caminhada de oito anos de formação em nossos Seminários, onde cursei da quinta série até o noviciado (Rio Negrinho, Corupá, Curitiba e noviciado em Jaraguá do Sul), contando com a idade de 20 anos, usei assumir um compromisso para toda a minha vida: ser religioso dehoniano. Algumas ciências modernas podem olhar para esta decisão com certa desconfiança. Eu, todavia, vejo tal tomada decisão, no meu entusiasmo juvenil, como fruto da ação da graça divina.

“A cada dia a sua preocupação”, a cada dia a renovação de viver o juramento assumido. Vivi sempre intensamente o momento presente, não despendendo tempo com dúvidas sobre o futuro. Dia após dia, completam-se amanhã, 25 de fevereiro de 2011, 25 anos de vida religiosa consagrada.

Além da Graça divina, tornaram viável esta caminhada as comunidades onde concreta e fraternalmente vivi como religioso Dehoniano: Convento de Brusque (Filosofia, 3 anos), Seminário (professor e formador, 2), Convento de Taubaté (Teologia, 4), Seminário de Corupá (professor, formador, reitor/diretor, 9), Paróquia Armazém (Comunidade SC Sul – Superior e Pároco, 2), Seminário de Rio Negrinho (diretor e formador, 3), Herz-Jesu- Kloster em Freiburg (aprendizado da língua alemã, 1), Kloster Maria Martental (padre cooperador, 1). Desde Fevereiro estou novamente em Freiburg, onde assumo trabalhos pastorais na cidade e atividades de pastoral juvenil na Província Alemã. Além destas atividades, tive a oportunidade de servir a Província BM como Conselheiro Provincial e secretário de nossa entidade civil ABCJ (ADBM).

Sinto-me dehoniano em cada fibra de meu corpo. Assumir ser Religioso (e também padre) nesta Congregação e busquei viver como tal cada dia destes 25 anos. Não fui e nem sou perfeito, mas dei o melhor de mim. Problemas e dificuldades existiram e não de se fazer sempre presentes. Eles ajudam-nos “a manter os pés no chão”. Sou feliz com minha opção.

Toda escolha comporta limitações, mas traz consigo o conforto que Jesus prometeu a quem ousasse deixar tudo para segui-lo. Não desfruto muitos dias por ano da presença de meus familiares e amigos, mas experimento o carinho e a ternura daqueles de quem me faço irmão e servidor na vivência do minha vida religiosa e de meu sacerdócio. Deus seja louvado!

A cada um que participou desta minha caminhada, o meu muito obrigado pela sua presença! Aos meus formadores, o meu muitíssimo obrigado por terem me ajudado a desenvolver os meus dons e capacidades. A cada confrade e irmão de congregação o meu fraterno abraço de muito obrigado por me darem apoio e testemunho pela fé que se faz operante na perseverante busca cotidiana de ser fiel ao compromisso assumido para a “glória especial do Coração de Jesus” e serviço aos irmãos.

Vivat Cor Jesu!

Per Cor Mariae!

Pe. Tarcísio Darrós Feldhaus, scj

Freiburg, Alemanha

Mudança de email

P. Francisco Sehnem: sehnem.senem@gmail.com

Nossos falecidos

P. Eloy Dorvalino Koch

Eloy Dorvalino Koch

Dorvalino Koch nasceu em Rio Cachoeirinha, município de Grão Pará, SC a 15 de novembro de 1920. Ao professar assumiu o nome de Eloy. Seus pais eram José Carlos e Maria Koch. Entrou no seminário de Corupá em 1935, fez o noviciado em Brusque, onde professou a 9 de março de 1943. Ainda em Brusque cursou Filosofia (1943-1944). Foi a Taubaté estudar Teologia de 1945 a 1948, sendo ordenado presbítero a 11 de julho de 1848. Seu primeiro trabalho foi no seminário de Lavras como formador e professor. Em 1951 passou a lecionar Filosofia no convento de Brusque. Em 1958 voltou para Lavras, desta vez como professor do Colégio Aparecida. Em 1964 vai para o Rio de Janeiro e no ano seguinte segue para Paris, onde estudou Pastoral Catequética, voltando em agosto de 1967. Passou o ano de 1968 como professor do ISPAC do Rio de Janeiro. Em 1969 foi designado vigário paroquial de Nossa Senhora da Candelária, em São Paulo. Em 1979 foi transferido para a paróquia de São Judas Tadeu, ainda em São Paulo, na função de vigário paroquial. Em 1983 fixou residência no convento de Brusque onde foi professor e formador.

P. Elói foi diplomado no Instituto Superior de Catequese de Paris e Doutor em Filosofia da Educação pela USP (1980). Teve diversas obras publicadas.

Em 1984 fundou o Arquivo Provincial Padre Lux, em Brusque, do qual foi diretor até falecer, a 15 de fevereiro de 2011, em Brusque.

P. Josef Stoszko – PO

Nasceu: 15.03.1925

Faleceu: 02.02.2011, em Cracóvia, Polônia

P. Francesco Donadoni – MZ

Nasceu: 18.05.1920

Faleceu: 08.02.2011, em Bolognano, Itália

P. Vicente Benigno García Ercille – HI

Nasceu: 19.07.1927

Faleceu: 13.02.2011, em Madri, Espanha

P. Stanislaus Roosman – Indonésia

Nasceu: 07.03.1942

Faleceu: 15.02.2011, Em Palembang, Indonésia

P. Jean Maurissen - FL

Nasceu: 11.12.1928

Faleceu: 20.02.2011 em Leut, Bélgica

P. Giovanni Chiappa – IS

Nasceu: 03.01.1914

Faleceu: 21.02.2011, em Bolognano, Itália

Eugenia Eller da Rosa, mãe do P. Aléssio da Rosa, dia 11 de fevereiro, em São Luiz, Imaruí, SC.